

Dez anos da *Esporte e Sociedade*

Mônica Araujo

Universidade Federal da Paraíba

Em artigo publicado em 2011, no qual procura atualizar e revisar o seu próprio levantamento sobre a produção acadêmica a respeito do esporte, que havia feito dez anos antes, Pablo Alabarces chama a atenção para o fato de que já não podemos lamentar a escassez de trabalhos sobre essa temática, a partir do campo das Ciências Sociais. Segundo o autor, “o quadro geral da produção bibliográfica latino-americana é, então, complexo, rico e variado” (2011, p.21). Alabarces afirma que o surgimento e a consolidação de grupos e redes de pesquisa que se esforçam para estabelecer um diálogo em nível continental, principalmente por meio de congressos e seminários, assim como a formação de uma nova geração de pós-graduados – especialmente no Brasil – comprometidos com pesquisas em torno do tema do esporte, caracterizam uma mudança de conjuntura, notadamente a partir dos anos de 1990.

A revista *Esporte e Sociedade* está inserida, sem dúvida, nesse movimento de expansão. Com a presente edição de n.26 comemoramos seu aniversário de 10 anos. Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS) este periódico representou, desde a sua concepção, a necessidade de um canal de divulgação de pesquisas e de reflexões teóricas sobre o fenômeno esportivo a partir do diálogo com o campo das Ciências Sociais e Humanas. Durante esse período a *Esporte e Sociedade*, na figura dos seus editores, buscou publicar artigos que pudessem aprofundar e redimensionar problemáticas referentes ao tema clássico do futebol que, ao menos no Brasil, foi objeto central das primeiras inquirições antropológicas e

sociológicas responsáveis pela conformação de um campo de estudos sociais sobre o esporte.

Ao mesmo tempo a Revista esteve, desde o seu primeiro número, comprometida em assegurar e ampliar espaço para produções acadêmicas voltadas para os temas mais variados como esportes olímpicos, políticas públicas, lazer, naturismo, dentre outros. A diversidade de abordagens, assim como a presença de conceitos e categorias que tendem a engendrar novas chaves de leitura – marca das pesquisas sobre o esporte nas últimas duas décadas – delineiam o perfil da publicação. Ao lado de noções e conceitos tais como identidade, ritual, drama social e jogo, amplamente explorados desde as interpretações seminais de Roberto DaMatta, José Sérgio Leite Lopes e Simoni Lahud Guedes, também temos a presença e relevância de outras como corporalidade, gênero, sociabilidade, emoção. Tal pluralidade conceitual, metodológica e analítica pode ser vislumbrada, ainda, por meio da divulgação de pesquisas desenvolvidas no interior de âmbitos disciplinares diversos como Comunicação, Direito, Educação e Saúde.

Mas ainda há muito trabalho a ser feito. Como aponta Gastaldo (2010), a “barreira lingüística” marcada pela dificuldade de circulação de textos de língua portuguesa em países de língua inglesa - fazendo com que a nossa produção acadêmica ainda fique um tanto restrita à realidade nacional - assim como o desafio de refletir a partir de um viés interdisciplinar (típico dos estudos sobre o esporte), num terreno institucional muito marcado pelas divisões das áreas de conhecimento e pela especialização excessiva, são apenas algumas das barreiras a serem ultrapassadas. Para enfrentar esses desafios a *Esporte e Sociedade* tem buscado consolidar a sua inserção internacional, além de servir como um meio de divulgação de trabalhos apresentados em encontros e seminários destinados a discutir questões atuais e de grande relevância para os estudos sobre o esporte, como atestam o lançamento de vários dossiês temáticos da revista.

Dessa forma, diversos pesquisadores seguem no firme propósito de continuar numa jornada ao mesmo tempo investigativa e criativa que, ao tentar se distanciar de uma imagem do esporte como um mero exotismo ou alegoria de uma matriz cultural, tenciona se apropriar do debate e do acúmulo teórico e metodológico das Ciências Sociais e Humanas para refletir sobre o esporte como um fenômeno mais complexo que pode nos ensinar algo sobre a vida social, seja pelo entendimento das formas de sociabilidade, do universo simbólico, das relações com o mundo da política, dentre muitas outras entradas possíveis, de maneira a realizar a tarefa para a qual Simoni Guedes (2001, p.40) nos chama: contribuir para a democratização do fenômeno esportivo através de uma Ciência Social feita com qualidade. É com esse entusiasmo que convidamos a todos para a leitura dos sete artigos presentes nesta edição.

Apresentando os dados etnográficos de uma pesquisa realizada junto a uma torcida do time do Ceará e apropriando-se do conceito de “territorialização”, Diego Batista de Moraes e Radamés de Mesquita Rogério nos levam a refletir sobre a experiência do torcer. O autor procura demonstrar de que maneira a conformação dos “lugares” de torcida no estádio associa-se a determinada dinâmica de construção de identidades e à vivência de certos conflitos relacionadas às distintas “ideologias” do torcer dentro e fora do estádio que, por sua vez, mobilizam elementos tanto materiais como simbólicos. O tenso equilíbrio dos estádios como espaços de integração e incorporação, mas também de segregação, dão a tônica do fenômeno estudado.

A perspectiva etnográfica também está presente no artigo de Fernando Bitencourt que discute as implicações da dor na organização de relações sociais num centro de treinamento de futebol. Opondo-se à ideia de dor apenas como dado fisiológico ou como algo somente traduzível pelos saberes e artefatos das ciências biomédicas, o autor a entende como um dado fenomenológico que pode ser experimentado das mais

variadas formas, abrindo caminho para agenciamentos diversos por parte dos atletas. Dado o caráter inefável da dor – a despeito de conhecimento sistematizado e de toda tecnologia desenvolvida para compreendê-la objetivamente - ela acaba por escapar dos mecanismos de saber-poder e de controle dos corpos, permitindo uma margem de manipulação e maleabilidade por parte dos atletas, que podem utilizá-la para atingir objetivos imediatos ou de longo prazo em suas carreiras.

O autor Lucas do Monte Silva, por sua vez, assume o ponto de vista jurídico para tratar das relações consumeristas tal como aparecem explicitadas na Lei Geral da Copa. Embasado nos estudos de renomados pesquisadores do direito brasileiro e da Constituição Federal de 1988, o autor examina a hipótese de inconstitucionalidade do art. 27 da Lei Geral face aos preceitos normativos e direitos fundamentais presentes na Carta Magna. Os argumentos apresentados no texto acabam ultrapassando o contexto da Copa, servindo como um ponto de reflexão sobre o papel que deve ser desempenhado pelo chamado “Estado garantista” em outros megaeventos esportivos.

Apoiando-se num largo espectro de fontes escritas, mas também no método de história oral, Thiago Moreira da Silva analisa as relações de proximidade entre o jogo político-eleitoral e o ambiente futebolístico na cidade do Rio de Janeiro, no período de 2008 a 2012, com o objetivo de compreender como a socialização em torno do esporte e o imaginário relativo a um pertencimento clubístico atuam como fatores de engajamento político que extravasam as ideologias partidárias. Ao evitar analisar o sistema de trocas entre a chamada “bancada da bola” e as torcidas organizadas a partir de um automatismo utilitário, o autor se utiliza do conceito de dádiva para demonstrar que existe um circuito do dar-receber-retribuir que envolve outros aspectos da vida social e não pode ser redutível a uma única lógica ou a algum tipo de submissão hierárquica.

Gustavo Andrada Bandeira e Fernando Seffner discutem a noção de violência em cânticos de torcida organizada e em outras manifestações verbais dentro do estádio. Para isso, tomam como paradigmáticas duas partidas entre o Grêmio FBPA e o Santos FC que ocorreram no ano de 2014, na Arena do Grêmio. Nestas partidas o goleiro Aranha, da equipe paulista, foi alvo de ofensas de natureza racial, mas também sexual. Este caso, que teve grande repercussão na mídia, é utilizado pelos autores para analisar de que forma algumas manifestações consideradas ofensivas são naturalizadas pela torcida, enquanto outras são entendidas como violência.

A história da apropriação da prática do hipismo – em especial a modalidade do salto – pelos civis em Porto Alegre, no período de 1920 a 1940, é apresentada no artigo de Ester Liberato Pereira, Eduardo Klein Carmona e Janice Zarpellon Mazo. O texto é o resultado de uma pesquisa baseada em fontes documentais tais como os regimentos das sociedades hípcas e matérias de jornais que circulavam à época. Os autores demonstram como a organização das sociedades e clubes que permitiam a entrada de sócios civis constituíram-se como novos espaços de sociabilidade e alavancaram a prática do esporte, a partir de outros valores não restritos à ideologia militar.

Finalmente, o antropólogo Clark Mangabeira utiliza o método de análise do discurso a fim de compreender a lógica que jogadores profissionais e semiprofissionais de poker constroem no sentido de caracterizar a sua atividade como pertencente a uma carreira e o jogo como um esporte, em contraposição aos jogos de azar. A análise persegue a noção de "profissão" e a categoria de "perícia" para explicitar a maneira como elas se encaixam na estrutura discursiva que defende a "esportivização" do poker, assim como a identidade de "profissional" ao jogador, num movimento contínuo e cíclico de classificação.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Referências

ALABARCES, Pablo. *Antropolítica*. Revista Contemporânea de Antropologia. Niterói, n. 31, p. 17-30, 2. sem. 2011.

GASTALDO, Édison. Estudos Sociais do Esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. *Logos: Comunicação & Universidade*. Rio de Janeiro, Vol.17, Nº02, 2º semestre 2010.

GUEDES, Simoni Lahud. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. *Antropolítica*. Revista Contemporânea de Antropologia. Niterói, n. 31, p. 31-43, 2. sem. 2011.